

16

D I A L O G O
E N T R E
A S P R I N C I P A E S P E R S O N A G E N S
F R A N C E Z A S ,

N O
B A N Q U E T E D A D O A B O R D O D A A M A V E L

P O R
J U N O T ,

N O D I A 27 D E S E T E M B R O D E 1808.

A C R E S C E N T A D O N E S T A S E G U N D A E D I Ç Ã O C O M H U M
N O V O P R A T O D E P A L H I T O S , E A L G U N S
T A L H E R E S .

E S C R I T O P O R

L . S . O .

P O R T U G U E Z .

Ridiculum acri. . . .

L I S B O A :
N A T Y P O G R A F I A L A C E R D I N A .

A N N O 1808.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

22/136 7189
ADVERTENCIA DO AUTHOR.

A História da Invasão dos Vandalos modernos na Península fica reservada para a penna de hum Tacito Portuguez, ou Hespanhol: não me achando com forças para desempenhar tão nobre encargo, compuz este Dialogo, em que ponho o ridiculo dos nossos Oppressores na sua propria boca: nesta producção de nenhuma monta espero ao menos, que os meus Compatriotas divisem o ardente desejo, que me anima, de combater os Assassinos da especie humana, seja pela espada, seja com a penna.

NOVA ADVERTENCIA.

O Benigno acolhimento, com que o Público recebeo esta *bagatella* literaria, obrigou o Author a reimprimilla; mas por não offerecer a mesma monotonia, e ser a materia *vasta*, tomou a liberdade de a acrescentar, do que pede milhares de perdões aos *amaveis* Compradores da primeira Edição. Lisongea-se que desta vez não se encontrarão tantas faltas de correcção, como na primeira; e que pelo menos o ridiculo do *rediculum* da epigrafe *não sahirá mais á luz* em todas as Composições *presentes e futuras* do Author. Se com tudo houver *por abi* alguém que o cimine de *certos* descuidos imperdoaveis, saiba que este Dialogo foi *alinhavado*, e acabado em quanto os Oppressores, estavam dentro da Barra de Lisboa; e que se não sobreviessem *incidentes* que retrogradassem por extremo a sua publicação; Junot e *Companhia* poderiam levar alguns Exemplares para a França; e assim nem este perderia a unica occasião, que tem tido de contractar em Livros, nem o Author a grande *pechincha* de lhos vender.

PRIMEIRA PARTE.

SOPA DE PAM.

Junot. (1)

EIS-nos companheiros da gloria, e fadigas reunidos em curto espaço para comer, beber, e prolongar o unico prazer que nos resta; perdoai, se não for com a profusão e grandeza propria de hum Quintella.

Loyson.

Viva o Imperador.

Convidados (por entre dentes)

Vi . . . ! Vi . . . !

Delaborde. (2)

Morrão os Inglezes.

Convidados.

Morrão.

(1) Quem não conhece o *Facéto*, o *Petitmetre* o *Enamorado* Junot, que não gastou dez reis em comer, em quanto esteve em Portugal, e que roubava na razão directa do seu Posto. Mas o que nem todos sabem he que este Ex-Duque disse em Bayona diante de todo o Exercito que as Madamas Bayonenses o chamavão Menino bonito do Exercito da Gêronda!!! Forte Arquipapelão!!!

(2) Este General de *horrênda catadura*, e lascivo de *baixo cothurno* vinha nomeado para Governador Geral das Americas Portuguezas. A pesar de ser *antiquissimo* General nunca foi avançado por não ter hido ao Egypto; daqui nasceo o odio, que professa a todos os que forão da dita Expedição.

Junot.

Amigo Carion de Nisas, em que pensaes? Nada dizeis?

Carion de Nisas.

Ando compondo huma Tragedia, que não terá desta vez a sorte da de Pedro Grande (1); acha-se já no IV. acto, e espero pela Catastrofe do Heroe para acabar o V. (2)

Thiebault.

Não seria mais acertado fazer alguns versos sobre a nossa *Evacuação*, para servirem de segunda parte aos que V.m. fez sobre a nossa *Entrada* em Portugal?

Carion.

Se o Senhor Chefe d'Estado Maior, que foi, tem o talento de adivinhar como sahiremos desta, estou prompto para pegar na penna.

Loyson.

Olhem que arrefece a sopa, logo fallaremos em verso e prosa.

Kellermann. (3)

Não espere por nós, Senhor *Maneta*, se não quer

(1) Carion de Nisas, afilhado de Cambaçarés, ganhou celebridade, quando foi Tribuno, por combater a opinião de Carnot, e ainda maior pela Tragedia de Pedro Grande, que pertendeo dar no Theatro Francez pouco antes da Coroação do Imperador Corso; foi tão desgraçada esta sua produção, que nunca pôde passar do III. acto, por mais que as forças da Policia a quizerão sustentar. Este mesmo Vandalo fez alguns versos sobre a *Entrada* do Exercito Francez em Portugal, que mandou publicar nas Gazetas Francezas.

(2) Já podia hir principiando as primeiras Scenas deste Acto.

(3) Este General foi encarregado por Junot do Commando da Provincia do Alemtejo; no seu memoravel Governo além das atrocidades, e contribuições, praticou roubos tão calvos e vergonhosos, que fazendo córar a face de Junot a pezar das suas navalhadas, foi por este mandado recolher á Capital;

ser logrado, quem tem hum braço de menos, não deve perder tempo em toda a especie de manipulação.

Loyson.

Olhem quem falla! a Donzella do Exercito! que partia de Lisboa depois do combate para achar-se nos saques. Diga-me, Senhor General dos cavallos, quantas batalhas vio, ou provincias de Portugal correo?

Kellermann.

Oh! que V.m. tem bons pés, o attestão tres provincias inteiras; (1) he pena não ter azas! ainda que fossem de páo! não estaríamos dous mezes sem ter noticias do seu braço esquerdo.

Junot.

Leva de descomposturas; cada qual fez o que pôde, senão que o diga o Padre Veneravel Serafico Lagarde, nosso Anjo da guarda.

Lagarde. (2)

Sim cada qual, se não roubou mais, foi porque não

entre outros citarei o da cera milagrosa de N. Senhora de . . . : perto de Montemor que vendeo depois por 600 mil reis; e em Lisboa o do relógio de sala do proprio Hospede.

(1) Loyson, mais conhecido pela alcunha de Maneta, foi sem contradicção o monstro mais sanguinario, que a colera napoleana vomitou sobre Portugal; a pezar do seu valor fugio do Douro deixando Bagagem, Artilharia, e Caixa militar, e com bastante magoa as suas Fardas ricas; huma das quaes, depois de ser despojada dos ouros, foi dada ao carnicheiro de Amarante para cortar com ella a carne no Açougue!!

(2) Que funebres ideas nos recorda este nome! Voltemos a medalha e esqueçamo-nos dos horrores. Este miseravel calvo eterno Redactor de Gazetas, era tão fraco compositor, que mentia calvamente, e sem reboço. Tinha hum Secretario coixo, irmão do Diabo do mesmo nome; o qual mandava cozer feijões, e assar sardinhas à parte policia na primeira taberna por lhe ser interdieto o lume e sal do P. Lagarde; e que achando-se doente mandou cozer pela Cidade huma fracção de galinha. Isto he facto, a pessoa que mo disse ainda vive; he muito minha amiga, e não me deixará mentir.

pôde (1); e eu que pague por todos; perguntem ao Senhor Jouffre como nos tratarão hontem em Lisboa?

Jouffre.

São largos contos; fique este prato para a sobre-mesa: bastará dizer-vos, que o *Seráfico* se viu em calças pardas.

Carion.

Amabilissimo Lagarde, aqui, ou em Veneza?

Lagarde.

O clima de Portugal convinha-me perfeitamente, se não fosse por fim esta maldita *Evacuação*, que me tem debilitado consideravelmente.

Herman. (2)

Dou parte á Illustrissima Assembleia, á fé de Ministro das Finanças, que fui, em como a tal sopinha me cheira a esturro, e que antes quizera comer os feijões de Consul.

L'huite.

Ora que nos calemos; tão mal nos foi; o collega de Consul de commercio que não existia, passou a

(1) He a primeira vez que Lagarde falla verdade. Entre os immensos roubos, que os Vandalos nas mesmas casas, em que se aboletavão, fizeram he notavel pelo contraste, o da Beca de hum Desembargador; por se não poder saber para que serviria a hum militar: e chegava a tanto o seu desca-ramento, e pouca vergonha, que certo General, de cujo nome me não recordo, vendo huma noute que o dono da casa se recolhia tarde, mandou-lhe intimar pelo creado, que se para outra vez não viesse mais sedo *acharia a porta fechada!!*

(2) Este ridiculo Aventureiro, que, se não veio para Lisboa atraz das carretas, veio pelo menos de altorjes, vivia antes de *trepár* para o Consulado de sobre-cazaca obrigada, exercendo a occupação *faminta* de creado de leva á cima peti-ções no Erario. Feito Consul, nunca acendeo lume em casa; agarrado para Ministro das Finanças, algumas vezes, dizem, o acendera para perfumar as casas. Que tal seria o chei-rinho!!!

ser verdadeiro Ministro de Finanças; e eu de viajante aventureiro addido ás trazeiras das carretas do parque d'Artilharia (1) subi para Ministro da Guerra.

Herman.

Nunca hum Ex-Ministro de Finanças se vio com as suas mais arruinadas; cuidando que as cousas seriam permanentes, não furtei para melhor me segurar. (2)

Convidados.

Fóra tolo; fóra tolo . . .

Herman.

Confesso a inopia. Veirão como estarei contente, vendendo-me obrigado a lançar mão do meu antigo Ministerio de Corretor de Letras de Cambio; a perspectiva não he feia! . . .

VACA COZIDA.

Brenier. (3)

O Senhor Thomiers faz tenção de comer toda a vaca? Arre com elle, que come desmasiado! Apenas engoli hum pingueta de caldo; a vaca nem a cheirei; e se continúa por este theor, tenho entendido que me convidarão para jejuar. Excellentissimo Senhor Ex-Duque d'Abrantes, requeiro que me mande para outro lugar, ou me dê hum Cadeira, para que

B

(1) Este Vandallo veio realmente desta maneira para Portugal; e he de tão obscura origem, que os mesmos Francezes não o conhecião. De mais a mais era doente de consumpção phisica, e moral.

(2) Tem havido quem negue esta asserção; eu mesmo apezar de a ter escrito, não o creio, por não admitir degeneração na raça actual dos Francezes.

(3) Este General de Brigada era de pequena estatura; e se a historia não conta delle horrores, tambem nos diz que não fôra empregado.

seja visto de quem reparte o comer. De resto fiquei sentado sobre bum bahú, cuja pregaria me assassina o trazeiro.

Taviel. (1)

Está forte conformidade de destinos! Cá estou eu também sentado sobre huma mala, tendo a testa parallella aos bordos da meza; approvo a moção do camarada, e requeiro ser elevado ao nivel dos convidados.

Thomiers. (2)

O Senhor Brenier merece ser fuzilado, ou remetido para os Inglezes, que o aprizionarão, já foi tão fraco, e cobarde.

Brenier.

Se fiquei prizioneiro, foi por não seguir o exemplo de V.m., quando ao principio d'acção se metteo por entre aquelle pinheiral. . . .

M.me Foy.

Excellentissimo Senhor Junot, não lhe parece justo que haja Dança esta noite?

Junot.

He justo, mas a Camara he pequena, apenas cabem tres pares.

M.me Troussé.

Requeiro ser contemplada.

(1) General de Artilharia, era Tacão, e tinha boas lembranças, não deixava com tudo de respirar Vandalismo: o Cavallo de Brenier fez-lhe a distincta honra de lhe dar com hum pé na sua perna esquerda em o 2.º dia das célebres revistas; e o ferrador Jaylloux, a de o curar. Estes dois amigalhões tornarão-se depois implacaveis inimigos, porque o tal ferrador, logo que foi Inspector do Arsenal, aparou os cascos a Taviel, e mandou-o para o Manejo.

(2) General de Brigada, e Commandante de Peniche; na sua boca não se ouvião senão fuziladas, metralhadas, sangue, e morte; era de grande estatura, e tinha fysionomia de Comilão.



M.^{me} Foy.

E eu não esquecida.

M.^{me} Troussé.

Quero ser a primeira.

M.^{me} Foy.

Pois será a ultima.

Junot.

Por evitar duvidas serão ambas ao mesmo tempo....
Que diz a isto, Senhor Troussé?

Troussé. (1)

Estou por tudo.

Travot. (2)

O tempo não está para Danças; por essas, e outras estamos aqui reduzidos á ultima das vexações. Não sei como possa lembrar-se de dançar quem tiver ainda algum resto de vergonha.

Convidados.

Vergonha! Ah! ah! ah! Quimerica palavra entre militares da Escóla napoleana.

Loyson.

O Camarada se deseja persuadir-nos de que pertencia a alguma familia distincta d'antes da Revolução, perde o seu tempo.

Taviel.

Fallemos claro: dizem que a desgraça iguala as condições; para isso não era necessario sermos desgraça-

B 2

(2) Este *Monsieur* era Commissario Geral do Exercito; sua mulher não era fea; e elle a pezar de zeloso, contra o costume geral dos taes amigos, era mandado viajar pela Cidade por Junot, de sorte que sua santa consorte era obrigada a vir frequentes vezes ao Quartel General procurar o seu bom marido, com receios bem fundados de que lhe não ficasse engasgado por algum beco.

(1) Dizem que os habitantes de Oeiras chorarão por este General; se tal he, temos anomalia.

dos ; porque , segundo he constante , nenhum de nós punha gravata antes da Revolução. Se não quem a tiver posto , que levante a mão para o ar.

Funot.

Alto lá , que eu era Procurador de Causas.

Loyson.

Ponho Embargos , eu aprendi para Clerigo.

Delaborde.

Pesso messas , eu era Cabo de Esquadra.

Kellermann.

Acima , acima , meu Pai era Capitão de Cavallos.

Thouiers.

A' vista de taes titulos , deixo os meus em silencio , ainda que meu Pai bastante estrondo fez na rua em que morava.

Grain d'Orge. (1)

O meu nome faz o Elogio da minha familia , meu Pai contractava em cevada.

Troussé. (2)

Na minha familia sempre as Senhoras andarão arregaçadas , e os homens de calças cahidas.

Soulinbac.

O meu assás me recommenda ; bem se vê que descendo de Pais Gascões.

Vienot Veaublanc.

Pelo que vejo , sou de todos o mais nobre ; meu Pai arrancou dentes a muitos Fidalgos.

Funot.

Acabem , Senhores , com esse *autem genuit* de estirpes vergonhosas , já basta ; para que he descobrir o que estava esquecido !

(1) Grain d'Orge , significa grão de cevada em Portuguez. Este General , Governador de Setubal , mandou fuzilar seis infelizes Portuguezes !!

(2) Quer dizer arregaçado.

Charlot.

Não he máo que cada hum de nós se vá recordando do que foi , para não estranhar o que está para lhe acontecer.

Carion.

Pois que está para nos acontecer?

Taviel.

A pergunta he boa ! tornarmos a lançar mão da nossa antiga industria , se não quizermos morrer de fome.

Fouffre.

Tanto não me acontecerá , em quanto me deixarem levar certos embrulhosinhos.

Delaborde.

Olhem o innocente ! Pois V.m. pensa que leva para a França mais do que a camisa ; ainda agora estamos no principio , e já nos andão pelos bolsos da farda , que será daqui a 8 dias !

Junot.

Tudo concedo , mas o Imperador não deixará na miseria , pelo contrario ha de contemplar muito o Ex-exercito de Portugal , que tanto se distinguio na arte rapinatoria.

Delaborde.

Não duvido que conserve a V.m. o Ducado d'Abrantes ; mas nós outros , a quem não conferio titulo algum , que esperanças poderemos ter ?

Brenier.

Pois Vms. pensão que tornão a ver o Imperador , aonde irá elle com o medo da febre amarella da Hespanha ; dizem alguns que fugira para o Norte.

Delaborde.

O Senhor Junot porque não pede o Ducado das Berlengas ? Bem como chupou o d'Abrantes , só por ahi ter entrado , he justo que grame o das Berlengas por donde tranquillamente sahirá.

Convidados.

Ça ira, ça ira, ça ira. (1)

Carion.

Qual de V. ms. leu D. Quixote? Não lhes parece o Governo de Portugal semelhante ao de Sancho-Pança na sua Ilha.

Convidados

Brava, brava Ratão.

FEIJÕES COM CEBOLA.

Avril. (2)

Declaro que estão muito duros para os meus dentes; e que o tal Banquete bem analysado, he hum jantar bem ordinario.

Prost.

Se estão duros, tenho bons dentes; mas sem vinho não engulo bocado; declaro por tanto, que sem elle não como mais, e que se me dão licença mando vir huma garrafa, que escapou á revista.

Lagarde.

A proposito, V. ms. não tem observado que os habitantes de Lisboa tem festejado a nossa sahida com perpetuas luminarias! e que apostarão continuallas em quanto podermos gozar dellas!

Travot.

E acha que não tem razão! tão pequenos motivos V. m. lhe deo?

Lagarde.

E V. m. Senhor Virtuoso, não deo nenhum?

Junot.

He verdade, que do nosso Carissimo Irmão Travot

(1) Célebre Canção dos tempos revolucionarios.

(2) O General mais velho do Exercito, que não deixava de roubar como moço, e author do saque de Villa-Viçosa, e que deixava morrer á fome os seus Ajudantes de Ordens.

ninguém me fez queixas, por isso não o encarreguei de fazer saques.

Taviel.

Escolhêrão boa occasião para disputar virtudes, hão-de-lhe tirar bom fructo: a asneira consistio em virmos a Portugal; huma vez cá, não podíamos deixar de mostrar quem eramos. O tal Senhor Imperador julgava que os habitantes da Peninsula erão Italianos, ou Prussianos, e que tudo cederia ao nome terrivel de Napoleão! Eu nunca vi onde a *omnipotencia* do dito nome fosse mais impotente; e se não que nos livre desta tormenta!!...

Carion.

Se adivinhasse que o tal Heroe me havia de sahir tão ambicioso, e impolitico, e que a final me metteria neste langará, protesto que não tinha combatido Carnot. (1)

Delaborde.

V. m. cuidou, como outros que taes, que agarraria algum Principado: amigo, tenha paciencia, se apenas o fez Chefe de Batalhão com a pequena clausula de vir capitular a Lisboa.

Junot.

Amigo Lagarde, que dirão de nós os habitantes de Lisboa?

Lagarde.

O mesmo que dizião, quando V. m. era Governador, não havião crimes que nos não imputassem.

Junot.

Sabias isso, e não fazias trabalhar a Policia.

Lagarde.

Não teria pouco que fazer: seria necessario prender todos os habitantes de Lisboa. O que mais me afli-

(1) Foi o unico Francez que se oppôz contra a nomeação de Bonaparte Imperador.

gia, era receber todos os dias cartas, que me descom-
punhão, e ameaçavam.

Junot.

Fizeras como eu, que as não abria, dava essa
commissão ao meu Secretario; tal foi o medo que
lhe tomei! Só hum Fradinho do Algarve me enviou
mais de 30, a qual mais carregada de affrontas. (1)
Mas aqui para nós, deixemo-nos do cumprimentos, e
attenções; que dizião particularmente de mim? Em
quanto o Imperador não me der a commissão de ir
governar outro Reino, somos todos iguaes.

Soulinbac.

Estive até aqui callado, mas essa não a posso en-
gular impunemente, os mesmos Irmãos do Impera-
dor vão perdendo os Reinos, que este lhe tinha da-
do; e V.m. que de mais a mais não sabe governar,
ainda se enfeita para outro Governo! Ora (a essa digo
eu que = Foutre. =

Margueron.

Não precisa dizer-nos que somos iguaes, sobeja-
mente o sabemos depois da Batalha do Vimeiro, em
que igualmente ficámos derrotados.

Thomiers.

O' Taviel, já te chegarão as vinte e duas, que dei-
xastes no Vimeiro?

Taviel.

Estou capaz de remetter para lá o unico par que me
restou, para completar as duas duzias ao que me ficou
com a collecção.

Travot.

Senhor Junot, já lhe remettêrão a Secretaria, e
aquelle *Sinetezinho* milagroso?

Junot.

Isso são cousas *Secretas*, que não são para aqui.

(1) He facto.

Taviel.

A nossa viagem para Lisboa foi tão precipitada, e tanto pela Posta, que não admira que nos ficassem alguns trastes; quando houverão *alguns*, a quem esquecerão os proprios *braços*, e algumas *pernas*.

Brenier. (1)

Alguns *narizes* encontrei eu perdidos, quando fui visitar os Inglezes, que não apanhei, por ter de me demorar na minha viagem; e temer, quando voltasse, achar já seus Donos com elles de papelão pintado, por serem mais leves, e economicos.

Delaborde.

Alto lá, eu não gracejo: alguns que se julgavão Superiores, ficarão desta vez inferiores: são effeitos das predilecções do Senhor Imperador, que só tem por grandes Generaes os que forão ao Egypto (2) por isso as cousas lhe prosperão, como se vê.

Junot.

Mais moderação, póde ser que saiba que se falla a seu respeito com tanta liberdade: não quero graças com elle; por causa do cunhado Murat hia eu ficando de catrambias. (3)

Delaborde.

Accrecentem-lhe que Delaborde não teme a sorte de Villeneuve, Moreau, ou Pichegrú.

Lagarde.

Grande Deos! que escuto! Se o Imperador sabe que

C

(1) Tem alguns observado que este General não podia achar-se neste banqueiro por ter sido apresionado no Vimeiro; porém he duvidar da genesosidade dos Inglezes, não querer admitir que elles o mandassem para os seus Camaradas.

(2) Delaborde não foi dos Egyptianos, por isso não tem passado de General de Divisão; e por isso zanga com todos os que torão da tal comica.

(3) Foi nesta occasião deposto de Governador de Paris.

não fiz policia , manda-me passar pela guilhotina ; a elle, a elle, meus Espiões.

Charlot.

Serafico Lagarde , moderai vossos inquisitorios transportes , lembrai-vos que não estamos no Rocio, e que apenas sois hum miseravel pobre Calvo sem mais nada.

Lagarde. (pondo as mãos na cabeça.)
He verdade , diz bem , que já espirou o meu Ministerio.

Taviel.

O' Lagarde , que noticias tens tido dos 100 meninos perdidos ? (1)

Lagarde.

Pergunta-o a Junot ; que os encontrou no Vimeiro.

Manjandie. (2)

Silencio , Senhores , que chega hum prato de mar , aqui sou gente. (3)

PRATO DE CAMARÕES.

Prost. (4)

Eis a garrafa de vinho , veção como querem que se beba , se á sobremesa em vez de licor , ou á franchezza , misturando-lhe agua para chegar a todos ?

(1) Vide a Gazeta Lagardiense dos tempos da oppressão.

(2) De Capitão de Fragata passou a Commandante em Chefe da nossa Marinha , elle morava na rua de S. Francisco N.º 14 , quem quizer saber delle , bata-lhe á porta.

(3) O prato he de camarões que se encontrão sempre da barra para dentro , póde dizer-se já , se elle o confessa , que o tal Manjandie he da Marinha de agua doce.

(4) Coronel d'Artilharia , figura gigantesca , por alcunha o Bravo do Exercito ; tomava todas as tardes a gateira , e no artigo roubo não se esquecia.

Convidados.

A' franceza.

Douance. (1)

Não desgosto da tal pinga; amigo Prost, como diabo te escapou esta garrafa á revista? Outro tanto não aconteceu a Loyson!

Prost.

He porque esse menino engarrafou o dinheiro; e por essa asneira estamos nós sem pinga de vinho. Esta escapou dentro na Barretina.

Taviel.

Que he feito, grandississimo Prost, das tuas botas vermelhas e douradas, que forão o terror e susto de todas as Madamas de Lisboa, que tiverão a infelicidade de dançar contigo? (2)

Prost.

Estão convertidas em bolsas, he nellas que pertendo salvar alguns vintens.

Brenier.

A' saude do Bravo Prost, que não podendo salvar nenhuma peça d'Artilharia, salvou ao menos para credito do Exercito huma garrafa de vinho.

Thiebault.

A respeito de garrafa, que será feito do nosso amigo General Carrafa?

C 2

(5) Coronel e Director dos Parques d'Artilharia dos Arsenaes, morador na Fundição de cima, homem de 60 annos, muito lascivo; era cocles, não de bala ou espada, mas sim de hum alfinete, que lhe enviou pelo buraco da fechadura certa Senhora, que elle espreitava, quando se despia. Foi talvez de todos os francezes quem deo mais que fazer ás Madres Abb. de Lisboa, e talvez a alguns Procuradores do Rocio, e de porta de theatro.

(2) Nunca dançou senão de botas, e algumas vezes com esporas; rasgou immensos vestidos a Senhoras, e canellu não poucas.

Junot.

Não o tornei a ver, depois que me servi delle.

Charlot.

Assim faz o diabo a quem o serve.

Thomiers.

Foi o que nos valeo acharmos tantos como Carrafa, senão que seria de nós; que diga o Padre Lagarde, só á sua parte quantos Carrafinhas achou.

Lagarde.

Bagatela ! Cheguei a ter ás minhas ordens, que condecerei com o titulo honroso de Espiões 600 Port... alguns com habito de Christo e Aviz; 80 Italianos, e 60 Francezes emigrados.

Taviel.

Fora basofia; ahi ha Portuguezes de mais; e alguns habitos de *esporão*. V.m. não era capaz de pagar nem metade, nem elles tão *asnos* que o servissem de graça.

Junot.

Devemós confessar em abono da verdade, que se não achassemos em Portugal almas tão dispostas a fazer-nos bem, ha muito tempo teriamos dito de nossa Justiça.

Não sabiamos de Loyson: logo se nos offerecêrão pessoas intelligentes para ir em cata delle. Encontrámos em Evora hum cáldo Amigo na pessoa do seu Corregedor. O Juiz de fóra de Ab.... mostrou-se digno de nossa Imperial escolha: finalmente quem melhor nos servio, foi o precioso amigo Novion, que tanto antes, como depois da nossa chegada, se mostrou sempre verdadeiro Francez.

Travot.

Quer dizer de todos os Francezes o mais indigno d'esse nome. Emigrado, e aventureiro foi acolhido, e empregado, como não ha exemplo em Nação alguma; e os Pobres Portuguezes nutrião no seio a serpente, que devia depois devorallos.

Novion.

V.m. insulta-me ! o que lhe vale he ter-me cahido a funda (1), estar mais que quebrado , e não estar á testa da minha Policia.

Charlot.

Vá para ella , ficará sem cabeça.

Soulinbac.

Que he isto ! Que ouço ! Onde estou ! Estranho que entre nós se falle razão ; entre nós que fazemos gloria de calcar aos pés tudo o que ha de mais sagrado , e racional !

Loyson.

Quando voltarmos a Portugal , ou seja daqui a seis mezes , ou no dia de Juizo , recommendo á *protecção* Imperatoria Monjardim (2) a cuja farda devo a minha salvação , o Juiz de fóra de Am . . . a cujo aviso devo a existencia de parte das minhas Tropas. Como entrego á sua omnipotente colera o Frade Dominico (3) que me perseguio por espaço de 10 legoas ; e hum Soldado daquelles a quem despi a farda nas Caldas , que me correo á pedra no Pezo da Regoa , acertando-me de proposito no meu unico braço , de que conservo ainda a nodoa.

(1) Este Conde de fabrica de caza , era quebrado , e padecia muito em certas luas.

(2) Loyson falla aqui daquelle , de quem disse na relação do combate d'Evora estas proprias palavras = O Senhor Capitão Monjardim , por quem são Commandados , se faz digno de elcgios pelo seu valor : he hum excellente Official = (Gazeta de Lisboa d'Agosto de 1808.) se alguem anda por ahi que tenha este nome , o Author declara solemnemente que falla daquelle , e de nenhum outro , e que se Loyson o louvava publicamente nas Gazetas não deve offender-se que faça outro tanto em hum jantar de *cavalla frita*.

(3) Este digno , e valeroso Portuguez perseguio Loyson na sua retirada , apparecendo-lhe , quando menos elle o esperava : disparou sobre os Francezes 60 tiros , e empregou 48.

Taviel.

He forçoso confessar, que se em Portugal achámos alguns amigos, também encontrámos implacaveis inimigos, que nos jurarão eterno odio. He notavel sobre todos aquelle Frade pio, que se divertia a matar Francezes, pondo os oculos depois do tiro, para ter o gosto de os ver pernear. (1) No Algarve o Monteiro Mor, Cabreiras, José Lopes, e Landercet. (2) Em Alemtejo, o Leite, e Vicente Antonio. Em Traz dos Montes, o Silveira, e Sepulveda. No Minho, o Bispo do Porto, e Monsenhor Miranda. Na Beira, Miguel Forjás, Bacellar, e o Corpo Academico; e em Lisboa, certo Fidalgo, que pertendeo minar nossa retirada; e outros *Meninos*, que vivendo entre nós, transmettião aos Insurgentes tudo quanto nós faziamos; e que não nos perdendo de vista hião compondo a Cronica escandalosa de nossos feitos para a entregarem á Posteridade. (3)

(1) He facto.

(2) A Revolução do Algarve he sem duvida a de todas as de Portugal, a que se fez com mais dignidade, e maior risco; porque o inimigo bastantemente forte se achava á vista, e não havia auxilio estranho. Os Authores de tão memoravel acontecimento serão eternos nos fastos de nossas historias.

(3) Taviel não tem huma memoria tão feliz que se lembre de todos os que mais se distinguirão; he necessario desculpallo, e esperar-mos que se publique a Historia da nossa Restauração.

SEGUNDA PARTE.

SEGUNDA COBERTA.

CAVALLA FRITA.

Ihiebeault.

Senhor Geoffroi, V. m. que he Naturalista, diga-nos que nome tem este peixe, segundo o systema de Linneo.

Geoffroi. (1)

Como diabo quer V. m. que classifique hum peixe frito em azeite; se fora ao menos empalhado, então está feito.

Taviel.

Diga-me Senhor Commissario Imperial de productos e raridades, quantas leva para os Gabinetes de Paris? Aposto que não lhe esquecerão algumas do Brasil, como diamantes, minas d'ouro, etc.

Geoffroi.

Alguns diamantes pudera levar, principalmente pa-

(1) Membro do Instituto do Egypto, e da França, Professor de Historia Natural em Paris, veio a Portugal com a honrosa Commissão de Vandalo das Sciencias, torão-lhe desta vez mallogradas suas rapinantes intenções, não levando nada da precioso. Não he a primeira vez que exerce tão brilhante cargo; já em Hollanda, Prussia, e Allemanha accompanhou os Exercitos para o mesmo fim. Que infamia para os Sabios da França!

ra o meu uso, se a maldita ambição me não deitasse a perder.

Travot.

Pois também nos Philosophos lavra esse contagio?

Geoffroi.

Essa não está má! pois V. m. julga que a maior parte dos meus collegas são Philosophos! Nelles a philosophia he traste de tirar e pôr; servem-se della, quando lhes he necessaria; em lhes não convindo, põem-na de lado, e fazem-se fidalgos, homens d'Estado, e mesmo devotos; se não olhem para Fourcroy (1), Laplace (2), Lacede (3), Bertholet, François de Neufchataux (4), Chaptal (5), e o devoto L'harpe, que tendo professado com o barrete vermelho (6) morreo com Christo na boca.

Taviel.

Acabe de contar, Senhor Commissario Imperial, por que fatalidade não traz os taes diamantes.

Geoffroi.

Mal entrei no Gabinete d'Ajuda, encaminhei-me lo-

(1) Foi acerrimo terrorista, e causa da morte do nunca assás chorado Illustre Lavoisier; tem escripto eterna chimica, sem conhecer a practica desta sublime Sciencia; he Conselheiro d'Estado, e Inspector Geral da Instrucção pública

(2) Depois que he Chancelier do Senado, perdec-se para as Sciencias exactas.

(3) Grande Peixista; mas depois que o fizerão Chancelier da Legião da honra, tornou-se puritanista da Fidalguia.

(4) Senador, e muitas vezes presidente, rasteiro Cortezão de Bonaparte; professando em seus escritos o Atheismo, descompoz publicamente Lalande, o velho Astronomo, pelo ter mettido no seu Diccionario dos Atheos.

(5) Ex-Ministro do Interior, e hoje Senador, foi deposto por Bonaparte por causa de huma Actora do Theatro Francez; de sorte que de nada lhe valeo ter emprestado dinheiro ao Côrso no tempo da sua pobreza.

(6) Era o distinctivo dos Jacobinos.

gô para os diamantes ; lancei mão dos maiores , e dei-
xei os pequenos , por não desguarnecer totalmente a
collecção ; passados dias , mostrei-os a hum Lapida-
rio , e perguntei-lhe em quanto os estimava ? Apenas
elle lhe pegou , entrou a rir. Porque ri V m. ? Rio da
sua simplicidade , e que seja , com esses annos , ain-
da dos que pensão , que tudo que luz he ouro. Ora
tome lá esses cristaes de roca , e aprenda melhor a
conhecer pedras (1) ! Cahio-me a alma aos pés. Ave-
riguada bem a coisa , o Classificador dos productos
mineralogicos sabendo que trazia a honrosa commis-
são de levar as preciosidades , contando com a minha
ignorancia , tinha de proposito ingerido entre os dia-
mantes aquellas pedrinhas para tentar minha cobiça. E
eu por me não dar por cangado , não fallei mais em
Diamantes.

Delaborde.

Brava , meu bello Naturalista. Bem digo eu que to-
dos os Senhores da sucia Egypciana são enormissimos
toleirões.

Geoffroi.

Eu não sou bom senão em peixe , e quadrupede.

Brenier.

Quadrupede , Senhor Geoffroi , sim Senhor , en-
tendo.

Carion.

Em que parou o grande plano de reforma para a
Universidade de Coimbra ? Não he verdade que os A-
cademicosinhos lhe desaranjão o tal projecto ?

Geoffroi.

He certo que esses infelices , tendo tido a desgra-
ça de se insurgirem , achavão-se no meu plano intei-

D

(1) He facto.

ramente proscriptos, e devião ser substituidos por outros. (1)

Taviel.

Quaes outros?

Geoffroi.

Tinha escrito ao Imperador para me enviar huma carregação de Sabios de todo o calibre e sortimento; e em quanto não chegassem, devião reger as cadeiras os Francezes, que podessem dispensar-se do serviço militar.

Douance.

V.m. insulta-nos, Senhor Philosopho! He o mesmo que chamar aos Francezes os charlatães móres do Universo; declaro-lhe que se hum Portuguez pertendesse satirizar-nos, não diria outro tanto.

Charlot.

V.m. admira-se? O Senhor tem razão ás carradas. Não vimos nós hum pobre Consul ser Ministro das Finanças! Jaylloux (2) ferrador de profissão, ser Inspector dos Arsenaes! L'huite, que fora guarda portão de Talleirand, ser Ministro da Guerra, e infinitos outros.

Junot.

Senhor Majendie, que tal vento temos para sahir da barra?

Majendie.

Se a dúvida consiste no vento, não o podemos ter melhor.

Junot.

Pois que outra dúvida podemos nós ter?

(1) São formaes palavras do diro Vandalo, traduzidas fielmente.

(2) Este ferrador foi feitô Inspector do Arsenal, em lugar do honrado antigo Inspeetor Portuguez, atormentou todos os miseraveis trabalhadores das Officinas, roubou, e despoçou os Arsenaes; e a final embarcou-se como os outros!!

Delaborde.

Faça-se de novas ! Aposto que nos quer persuadir de que não passa como nós pela fieira : pois enganase ; sabemos muito bem que já tres vezes foi limpo e escovado. Estes Ingлезes muito aceados são ! nem poeira nos querem ver nos fatos !

Grain d'Orge.

N'outra mais bella tem elles dado , não sei se a V.ms. lhes acontece outro tanto ! Persuadidos de que ganharia alguma doença por estar sedentario , he com esta a terceira vez que me fazem mudar de hum para outro navio.

Margueron.

Outra celebreira lhe tenho eu observado , que consiste em furarem os bahús , arcas , e caixões , para que circulando o ar , não se imareem os effeitos ; he forçoso fazer-lhes justiça ; sobre o mar ninguem he mais prevenido !

Loyson.

Comigo tem sido mais exquisitos ; não se pôde negar que sejam muito limpos , e por extremo acautelados. Levarão-me logo as garrafas de vinho , para não sujarem a camera , no caso de se quebrarem ; depois perguntarão-me se tinha trastes metallicos ; respondi-lhe , que alguns tinha no meu trem : levarão-mo para fóra , por ser uso entre elles não poderem ficar metaes na camera por causa dos raios ; passado algum tempo trouxerão-me unicamente os trastes de pano , seda , ou linho , dizendo-me , que podia conservallos por não serem conductores de Electricidade.

Travot.

Qual conductor ! qual Electricidade ! diga antes que o deixarão á Divina.

EMPADINHAS DE CARNEIRO.

Sonlinhar.
 Ora! graças a Deos, que já vejo hum prato de gente; fallo serio, que me envergonhava de ver a pobreza, com que eramos servidos. Muitos parabens, Senhor Junot, viva a bella empada.

Junot.
 Quando dou jantares á minha custa, não costumo ser fastidioso.

Delaborde.
 Sendo o primeiro, que lhe custa vintens ha perto de hum anno, pudera alargar-se mais hum pouco. (1)

Taviel.
 Este Banquete tem suas vistas economico-politicas; o Sehor Junot pretende por este methodo costumarmos ao saudavel regimen d'agua e bolacha.

Cambis. (2)
 Quem havia de adivinhar, Senhor Junot, que tão cedo evacuariamos o Palacio do nosso Quintella, onde nos achavamos tão bem: eu pelo menos confesso o meu peccado, estava tão habituado áquella sala de jantar, que depois que a deixámos, nem vontade tenho de comer.

Fouffre.
 Que me importão casas de jantar, ou Palacios; o que me traz doido, he, depois que metti pé em Portugal, até o ultimo instante, em que embarquei, ter cuidado tão sómente em ajuntar dinheiro, para n'hum instante ficar liso de todo.

(1) Delaborde conhecia bem as baldas de Junot, e não lhe perdoava: passa por certo isto que aqui diz.

(2) Ajudante Commandante, Mordomo môr de Junot, e seu. letras.

Charlot.
Pois nem os arreios da Casa Real lhe deixarão ?

Taviel.
Ora os arreios he impossivel que lhe não ficassem !

Jouffre.
Esses mesmos me levarão.

Taviel.
Esteja certo que não erão bons conhecedores. . . .

Travot.
Nada disso admira ; mas quem vio o nosso Junot ir por entre alas desde o seu Palacio até o da Regencia para dissolvella ; fazer com grande apparato, e brilhante ostentação as revistas semanaes no Rocio, dar Beijamão em certos dias ; receber grandes e piquenos de pé, qual Imperador ; tratar de resto a primeira Grandeza da Côte ; finalmente governar em verdadeiro Despota o Reino Lusitano : (1) não pôde deixar de admirar os reconditos arcanos da Providencia, e a instabilidade das cousas humanas, vendo este mesmo homem reduzido á santa bolacha e pinga de chocolate, que os Inglezes lhe quizerem dar, como davão aos *Emigrados* Portuguezes, que fugião para a Esquadra. (2)

Junot.
Brincadeira ! Levo tudo como *Heroe*, ou verdadeiro Actor de Comedia ; porque em ultima analyse viemos a Portugal representar huma pequena scena da grande Opera, que Bonaparte representa no Mundo : acabámos já o nosso papel, recolhemo-nos ao vestua-

(1) Junot teve grandes cocegas de ser Rei de Portugal, e enfeitou-se em certos tempos para isso, vendo que Bonaparte não mandava ninguem para governar os Lusos, e só desconfiou que o não seria, quando vio que os Portuguezes nem para Duque o querião.

(2) Vide a Lagartense Gazeta dos tempos d'atrocissima memoria.

rio : eis como vejo as cousas ; por isso nada me faz impressão.

Charlot.

Pois não vê tudo. Se V.m. tem feito papel de Comedia , (o que duvido) não dirá assim a posteridade de Loyson , Kellermann , Soulinhac , Margueron , Thomiers , Grain d'Orge , Salm-salm , e Lagarde , que todos representarão tragico papel nos sanguinarios saques d'Evora , Beja , Leiria , Nazareth , Caldas , e infinitos outros lugares. (1)

Delaborde (levantando-se)

Senhores , toca a fazer as saudes do costume ; preparem-se todos para huma tenção particular.

Convidados.

Estamos promptos.

Delaborde.

A' saude do maior Velhaco , que entrou na Pininsula.

Convidados.

Seja.

Delaborde.

Que fazes , Lagarde ? Não te apromptas para a saude ?

Lagarde.

Pretendo economizar esta gota para beber á saude do Ladrão môr do Exercito.

Jouffre.

Lembra bem : guardei igualmente esta pinga para beber á saude do maior Facinora dos Generaes.

Loyson.

He verdade ; já me esquecia , reservo-me tambem

(1) Se se pretendesse fazer a lista de todos os que commetterão horrores , seria necessario copiar por inteiro a de todos os individuos, que compunhão o Exercito. Em Evora sobre tudo praticarão horrores , de que não ha exemplos nas historias dos mais barbaros povos.

para beber á saude do nosso grande Cartucho. (1)

Funot.

Diz bem : que já me hia esquecendo a saude do Imperador. Com tudo, por evitar disputas, e não perder tempo, ordeno como General em Chefe, e primeiro Ajudante de S. M. I. e R., que reunamos em huma só essas differentes saudes, bebendo pela de nós todos.

Convidados. (levantando-se todos)

Viva a lembrança. Toca a beber, lá vai pela de nós todos. (bebem)

S O B R E M E S A

UVAS, QUEJO, E NOZES.

Prost.

Já nós lá vamos, o tal banquete acabou de estoiro, como nós, depressa, e tristemente.

Brenier.

Requeiro o prato da sobremesa, com que o Senhor Jouffre prometteo regalar-nos.

Jouffre.

Estou prompto, creio que hão de gostar.

Nós fomos, como he notorio, chamados a Juizo para respondermos a certa Denuncia; partimos, eu, Lagarde, e Herman; o amigo Lagarde não deo palavra pelo caminho, pensativo discorria sobre o motivo da viagem; Herman cantava mordendo os beiços; e eu com o meu sangue frio hia impavido. Este Tribunal tinha-se instalado no vasto Edificio da Cordoaria: entrámos; e confesso que ao ver tanta corda, fiquei sem pinga de sangue; atravessámos a

(1) Nome do mais famoso Ladrão, de que a historia moderna tem fallado.

grande sala ; chegámos finalmente ao rigido Tribunal ; aqui não pude deixar de assustar-me ao aspecto de certos meninos Portuguezes , de cuja boa vontade estava inteirado ! Tendo os chapeos na mão , e fazendo mil cortezas , fomos recebidos por hum General Inglez , que apenas nos inclinou a cabeça ; sentou-se , e deixando-nos de pé , puxou por hum papel , e disse qual de V.ms. he hum tal Lagarde , que foi Intendente da Policia ? Respondeo o nosso Veneravel : = sou eu = Pois bem , V.m. he accusado por estes Senhores , aqui presentes , de ter roubado o cofre mais sagrado entre os homens , o cofre dos Orfãos ; queira justificar-se , ou restituir o furto. *Amigo Lagarde , dize tu o resto.*

Lagarde.

Dize tu , porque eu sou parte suspeita.

Jouffre.

O meu Padre Lagarde , tomando hum tom serio , mas submisso , respondeo : = Não nego , Excellentissimo Senhor , ter distrahido esse dinheiro , mas confesso tello empregado a bem do publico ; por exemplo , em mandar matar os cães , que tanto perturbavão a serena tranquillidade dos habitantes de Lisboa ; em pagar os 600 homens de bem , a quem se deve a economia nas palavras , em que tanto se distinguirão os Lisbonenses ; em estripar a mendicidade insolente , substituindo-lhe outra mais cortêz ; finalmente mandando desentulhar alguns armazens. Que tem que dizer a isto , Senhores Portuguezes ? (tornou o Juiz.) Que o Senhor he hum refinado *mentiroso* , *ladrao* (1) , *salteador* , e *assassino* ; e que o Excellentissimo Senhor

(1) Era tão vil , e consummado Ladrão , que não lhe escapou a antiga escrevaninha da Intendencia , por ser de prata : e tinha cara tão compacta , que não se vexou , quando em Juizo o accusarão de a ter furtado.

Juiz deve mandar, que entregue todo o dinheiro que roubou. Excellentissimo Senhor, replicou o Veneravel, não lhe dê credito, estes Senhores querem perder-me, á fé de Francez em como gastei tudo em obras publicas. Lagarde, replicou o Juiz, dou credito á vossa palavra, nós outros damos muito pezo á palavra Franceza; mas os Senhores Portuguezes de-rão na balda de não acreditar-vos; por isso mando que dentro de 24 horas entregueis o dinheiro, ou vades prezo. Então o pobre Lagarde não teve remedio senão assignar hum termo de entregar dentro do dito prazo a quantia de 20 contos.

Carion.

E a V. m., Senhor Herman, como o tratarão?

Herman.

Bellamente; a tudo disse que sim; por isso não me descompozerão.

Taviel.

E que culpas erão as suas?

Herman.

O Senhor Jouffre que as diga.

Jouffre.

Pedião-lhe, como Ministro do Erario, que dêsse conta de 6 mil marcos de prata por derreter, e 400 arrobas reduzidas a barra. Herman respondeo, que tudo se achava na companhia de Junot.

Brenier.

E V. m. Senhor Jouffre?

Jouffre.

Nada menos; davão-me o honrado titulo de *Ladrão Mór do Exercito*, que não contente de ter roubado a meu salvo durante nove meves, tinha depois da Capitulação dado hum saque geral a todos os Estabelecimentos Reaes, e Publicos; e trazião todos estes artigos tão claros, e bem provados, que não poden-

do defender-me , e vendo-me acabrunhado com injurias, respondi : = Senhores , entrem no meu Navio , levem quanto acharem ; e se para não tornar a este terrivel Tribunal he necessario largar a camisa , dispão-ma , que prefiro ir nũ para o Navio (1)

Convidados.

Brava , bom Jouffre ! mostrou-se digno cunhado do Grande Junot.

PRATO DE PALITOS.

Delaborde.

Senhor Junot , mande vir a Gazeta.

Junot.

Lagarde , tens ahi alguma para satisfazer o Senhor ?

Lagarde.

Ha muito tempo , que as não faço ; mas se V.ms. querem algumas do tempo em que as compunha , fallem.

Taviel.

Venhão , isso sempre espalha magoas.

Lagarde.

Como as querem V.ms. ; *sentimentaes* , *grotescas* , *romanescas* , *pintorescas* , ou *românticas* ?

Taviel.

Grotescas ; porque sempre gostei dessas *Danças*.

Thomiers.

Requeiro hum copo d'agua.

Loyson.

Peço licença para mandar vir huns *paios* cozidos , que trouxe do *saque* d'Evora.

Thomiers.

Visto isso , mandarei vir hum *papelada* , que tenho na mala , que encerra huns *restos* do ultimo jantar da *Cabeça*.

Brenier.

V.ms. estão percorrendo , como quando se tem feito

(1) Todo este vergonhoso processo he facto.

boa *digestão* : tambem quero concorrer com tres *bifes*, que conservo na carteira do ultimo jantar, que me derão os Inglezes.

Geoffroi. (1)

Senhor Junot, como pôde haver tantos *palitos*? Hade-me conceder a graça de me deixar levar alguns para *modélos*; porque, se Deos me ajudar, pretendo estabelecer hum Fabrica de *Palitos* nas margens do Senna, como quem vai para *S. Cloud*.

Carion.

Lembrança luminosa! Quando fallei das laranjas (2), nos meus versos, esqueceo-me de fallar dos palitos, descuido fatal! Esteja certo que ha de prosperar; he hum ramo inteiramente desconhecido entre nós; pôde até pedir hum patente de *invenção*.

D'anthon.

V. m. Senhor Geoffroi, encontra-se comigo na sua *especulação*: eu quando fui a Coimbra deixei de proposito no meio a minha Memoria dos *basaltos* para me entregar todo á composição d'outra sobre os *palitos*: que faço tenção de imprimir logo que chegar a Paris, e de ler na primeira sessão pública do Instituto nacional. Se os Senhores querem ouvir....

Delaborde.

Ora Senhor Medico *das duzias*, vá curar os Si-

E ii

(1) Este Naturalista se não era bom conhecedor de *Diz-mantes*, era pelo menos illustre Bibliografo; pois tendo sido igualmente encarregado de *apanhar* para a Bibliotheca de Paris os *manuscritos* raros de Portugal; entre outros, que já tinha encaixotados a bordo, se lhe encontráão, quando voltáão para terra, o *manuscrito original* da *Cartilha do Mestre Ignacio*, religiosamente bem acondicionada, e os de duas *Cronicas* antigas, que corrião impressas pela oitava vez.

(2) Carion alude á sua Epistola sobre Portugal quando diz:

L'oranger fait dans l'air jouir d'un livre essort

Les feuilles d'emeraude avec les pommes d'or.

philiticos com a sua sua pomada *nigro-anti siphilitica*, que V. m. andava por ahi dizendo, que queria vender ao arratel, e que teve o descaramento de me offerecer, quando por ahi se disse que eu....

Junot.

Estes *palitos*, Senhor Geoffroi, pertencem ao P. Veneravel.

Taviel.

Aposto que provém das *pechinchas* da Policia: Não he assim, meu Serafico?

Lagarde.

Foi hum presente que me mandarão os Academicos de Coimbra, convindando-me ao mesmo tempo a que fosse palitando, e entretendo-me por cá, em quanto elles por lá fazião a policia á *escolastica*.

Delaborde.

Ora Senhor Junot, o jantar está acabado; posso por tanto dizer-lhe, que V. m. tem mangado com nosco alta e poderosamente; e que pelo que me toca, rogo-lhe não tenha mais o atrevimento de me convidar para semelhantes jantares de *Tasca*.

Junot.

O Senhor Delaborde, tem feito toda a tarde de Famfarrão, e cuida que não lhe sabem das *baldas*; ora accommode-se, e não lhe irá mal.

Delaborde.

Senhor Junot não se adiante muito.... V. m. sabe como eu mordo.

Taviel.

Já agora por pouco tempo, não haja sangue. O Senhor Delaborde daqui parte naturalmente para o seu Governo do Brasil; e o Senhor Junot para o de Paris.

Junot.

Já me falta a paciência para o soffrer mais.

Delaborde.

Senhor Duque de Comedia, olhe lá como falla: Senão....

Brenier.

Ora o Senhor Delaborde tambem não tem razão ; quer tudo dizer , e nada quer que lhe digão.

Delaborde.

Ninguem tem nada que me dizer.

Taviel.

Pois nem ao menos nos confessará , que hia ficando *neutro* (1) em quanto nós estavamos em guerra com a Grão Bretanha ; e que esteve em termos de lhe cortarem a *cabeça* , se lhe não acudissem alguns Portuguezes.

Maillard. (2)

Senhor Taviel , lembre-se , que eu não fui pequeno empenho , e que não gosto de injustiças públicas.

Delaborde.

Se eu me entregasse nas mãos de V.m. , estava hoje de certo *guilhotinado*. Calle-se , Senhor Charlatam mór , vá para a *Ponte Nova* de Paris vender receitas de *pilulas* , montado n'hum cabriolé distribuindo as papeletas.

Junot.

O Senhor Delaborde pensa que nós não lhe conhecemos bem a vida , e que ignorámos que foi para Belém de mala , e veio para o Rocio com huma Expedição *secreta* de carretas ; queira por tanto accomodar-se , e ter-me algum *respeito*.

Delaborde.

Respeito ! V. m. insulta-me ! Eu respeito lá *figuras* , como V. m. , *fedelho* do Exercito !....

(1) Desejarei que a mais *bella* porção dos meus Leitores , se tiver a fortuna de que vá este Dialogo ás suas mãos , não entenda de que *neutralidade* aqui fallo.

(2) Este Medico era tão pedaço d'asno , que se queixava de que os Portuguezes o não chamassem para curar-lhes os doencas ; creio que o tal menino tambem queria com as suas *garrafinhas* dar o seu cortesinho na nossa população.

Junot. (Arrancando da espada que lhe fica preza á manga *sem braço* de Loyson.)
Morra o insolente ! O Republicano ! O Patife ! O.
(aparte) Não sei se elle he cazado : mas vá. (alto) O.
Cab...

Loyson.
Olhem lá como fazem isso ; que me levão a minha
manga ; batão-se , mas não me *manguem*.

Delaborde. (Puchando igualmente pela sua , que passando pela cabeça de Douance lhe tira a cabelleira.)

Agora sim morra o indigno. Vinguem-se os Antigos Egypcianos !!...

Douance.
Olhem que fico caréca , e depois as Madamas fazem zombaria de mim.

M.me Troussé. (metendo-se entre elles)
Suspendão os furores Guerreiros Valerosos ; reparem que estão aqui Senhoras costumadas a desmaiar.

M.me Foy. (agarrando Junot)
Não se verta sangue tão precioso.

Junot. (tranquillo)
He o que lhe vale. Lá o espero em París.

Delaborde.
E eu em Napoleão-Ville. (1)

Taviel.
Paz , paz , e mais paz.

Brenier.
Senhora Foy , que noticias tem do Senhor seu marido.

M.me Foy.
Está no Navio *Cuco* (2) Com perfeita saude.

(1) Cidade de la Vandée , onde estava este General quando veio para Portugal.

(2) Não se admirem de haver navios com este nome , lem-

Taviel.

Então brevemente voará.

Todos.

Voará , voará. Longe da nossa cabeça !

CAFE' DE CEVADA.

FIM DO BANQUETE.

Hum Creado.

Huma Carta para o Excellentissimo Senhor Junot.

Junot.

Vejamos = A' Monseigneur, Monseigneur le ci-devant Duque D'Abrantes , et Ex-Gouverneur du Portugal = basta , passe a diante , temos descompostura.

Delaborde.

Adiante.

Loyson.

Longe da minha porta.

Kellermann.

Não me atrevo.

Lagarde.

Ainda estou escaldado de abrir Cartas.

Carion.

Eu abro , e peço licença para a ler em voz alta.

Convidados.

Concedido.

Carion.

Lá vai (abrindo) Oh ! temos outra para o Imperador.

Convidados.

Ambas.

brem-se que nós os temos chamados , Andorinha , Gaivota , Fenis , Cisne.

Carion.

Principio. = Lisboa 26 de Setembro de 1808. Amigo Junot, como sei que brevemente darás á vêla, quero antes que te ausentes renovar a amisade, que sempre te protestei, e persuadir-te cada vez mais de que ainda ha Portuguezes: impossibilitado por motivo de minhas queixas, não pude chegar a tempo de pessoalmente felicitar-te da victoria do Vimeiro, d'onde te recolheste á Capital, deixando os inimigos no Campo da Batalha, para melhor conhecerem os estragos que lhes causaste. Pouco tempo depois sube que te embarcáras com o Exercito, e que tinhas abraçado o partido de te recolheres a França por mar, por te livrares assim das pessimas estradas da Hespanha. Dou-te por tanto mil parabens, e desejarei que tenhas humma viagem, qual te posso appetecer.

A proposito da Hespanha; como adoptaste a vida retirada, e apenas poderás ter lido a Gazeta d'Almada, dou-te a agradável noticia de que o novo Rei da Hespanha não fará desta vez a viagem a París, como tinha premeditado; porque os bons Hespanhoes, certos do bom Rei, que a Providencia lhe tinha dado, e a *omnipotencia* de Napoleão concedido; e outro sim lembrados de que os ultimos Reis da Hespanha todos tem tido a mania de se esquecerem na França, humma vez que aqui entrão; para que outro tanto lhes não acontecesse com este, que tanto amão, lhe sahirão ao encontro entre Burgos e Pampelona, e com o fogo do mais vivo entusiasmo tanto lhe supplicarão, que o bom Rei, vertendo lagrimas, não teve remedio senão fazer-lhes a vontade, e voltar com os Francezes, que o acompanhavão para Madrid, onde se espera brevemente. Dizem que desta vez irá habitar o Palacio del Retiro, por andar bastantemente triste e melancolico com saudades de Napoles, para onde he natural

que Sua Magestade não volte , se os seus negocios lhe continuarem a prosperar.

Em quanto a mim tenho andado com bastante susto , porque os meus Compatriotas continuão a justicar os que sabião , que entretinhão relações com os Francezes ; e como eu nunca pude deixar de mostrar o quanto lhe era afeiçoado , por isso não appareço ainda em publico ; mas em particular já tenho feito circular certos papelinhos , em que vos trato como mereceis ; terás de tudo noticia , porque vou dar brevemente á luz huma obra , que tem por titulo : = A innocencia dos Francezes justificada pela sua conducta. (1)

Nada mais te direi , se não que me entregues em mão propria ao Imperador essa cartinha , que lhe manda hum seu grande amigo da infancia , natural de Olhão nos Algarves , que no tempo em que Bonaparte era rapaz , brincou com elle na Corsega , quando fazia com esta Ilha o Commercio dos Figos.

Sou teu cordeal amigo , como deve ser todo o verdadeiro Portuguez.

Frei Tiburcio de Santa Thereza.

Junot.

He já pelo menos a 31 Carta , que o tal Fradepio me tem escrito.

Carion.

Vejamos a do Imperador. = Olhão 16 (2) de Junho pela manhã. Amigo Bonaparte , ha 24 annos que te não vejo , nem tenho podido escrever por falta de

F

(1) Está no prelo segundo as ultimas noticias recebidas do Algarve.

(2) Foi neste dia pela huma hora da tarde que principiou a Revolução no Algarve.

portador certo ; não posso com tudo queixar-me de não ter noticias tuas ; pois que a nossa Gazeta de Lisboa quasi sempre fallava de ti , e a dos nove mezes passados não fallava em outra cousa. Como te fizeste Imperador , he natural que te não lembres do teu Amaro da Fonseca , a quem fazias tantas festinhas para lhe sacares alguns figos ; e que pela muita confiança , que lhe davas , te tratava por tu : perdoa se hoje te dou o mesmo tratamento , sou Portugal velho ; foras tu hum Santo , certamente não mudava de tom.

Vamos ao que serve. Dizem por cá tanto mal de ti , que pela confiança que sempre tive com a tua familia , principalmente com tua mana mais velha , a mulher do Joaquim , não posso deixar de dar-te alguns saudaveis conselhos , ainda que faças delles o caso que fizeste dos do teu grande amigo Talleirand. Amigo Bonaparte , fique aqui entre nós ; a asneira está feita , e o borrão lançado ; eu sempre disse , que a tua demasiada esperteza , e máo genio não a podia fazer limpa ; e quando sube que te fizeras Consul , e Imperador , puz as mãos na cabeça , e disse a quem me quiz ouvir , que te querião deitar a perder. O que acabas de fazer á Hespanha justifica o meu pronostico. Estás perdido , meu pobre Bonaparte , armarão-te huma entrega , e já não podes sahir bem da festa. Se queres com tudo ainda salvar-te , abraça estes salutiferos conselhos. = Manda logo logo sahir as Tropas da Peninsula (1) se não olhá que ficas sem ellas ; entrega aos Hespanhoes o seu Fernando , se não arriscas-te a que to vão buscar por força ? e convoca para hum Congresso geral os Reis teus Irmãos , e todos os mais Reisinhos , Principes , Duques , e Condes da

(1) He pena que esta carta não fosse entregue a Bonaparte , logo depois de escrita , talvez se aproveitasse dos conselhos , e não lhe succedesse o que o seu amigo lhe vaticinava.

tua Fabrica , e faz-lhes a seguinte falla: = Amigos companheiros , acabou-se a Escripção ! V.ms. de Reis de Theatro passarão ao que erão antes de Actores ; e eu de Imperador , descerei ao meu antigo estado : deponde aqui Sceptros , e Coroas , e todo o vestuario , para se entregar aos Empresarios Talleirand , Sieyes , e Fouchet (1) ; porque chega nova Companhia , e he forçoso ceder-lhe o Theatro.

Na noute da ultima representação farás igualmente ao publico a seguinte fallinha : = Respeitabilissimo , Sapientissimo , e Sucegadissimo Publico , cansado de representar mal , e enfadado de levar *pateadas* , peço-vos a minha Dimissão : perdoai se não fiz o meu papel de Imperador nesta *ultima Comedia* com aquella decencia , e grandeza digna de tão alto lugar. Confesso-vos ingenuamente , Senhores , que a demasiada ambição de querer fazer os papeis de primeiro Galan no grande Theatro Nacional , me não deixou ver que apenas os poderia fazer de *lacaio* no mais pequeno Theatro das Provincias. Confuso e humilhado , volto á minha *primeira occupação* , perdoai , Senhores , meus defeitos , e chorai minha enorme cegueira. = Eis o unico recurso que te resta , meu Bonaparte , dá-te pressa a executallo , se não queres perder a vida , e volta para a Corsega , onde para o anno que vem te darei hum abraço , se tiver boa colheita de figos.

A Deos , a Deos , que toção os sinos de Olhão , e Faro , creio que he para receber a tua Legião do Meio dia com aquellas honras que ella merece ; quero achar-me presente , ella te levará noticias da nossa cortezania : saudades ás Manas , e á Máí. Sou teu amigo em bom Portuguez

Amaro da Fonseca Charroco. (2)

(1) Estes tres Marmélos torão os que chamarão Bonaparte do Egypto para vir governar a França.

(2) Existe verdadeiramente este homem.

Taviel.

Já o Banquete não tinha sido máo , mas o café foi excellente.

Delaborde.

A tal cartinha de Olhão contém por inteiro a minha profissão de fé a respeito do tal Bonaparte.

Junot.

Estamos bém servidos ! he necessario fazermos todos huma igual Abjuração , visto que tambem eramos da mesma Sociedade comica.

Travot.

Já he tarde , cada qual se justifique com a historia de sua vida , seja o crime punido , e triunfe finalmente a razão , justiça , e humanidade.

Convidados.

Amen.

FIM DO DIALOGO.